



Catholic
Universities
Art
Triennale

26

Exercises in Empathy ART CUT'26 Catholic Universities Art Triennale 2026

Uma exposição, 104 artistas, 14 curadores, 8 cidades, 3 continentes, por onde circulam ideias de arte, empatia, educação, conhecimento, universidade e, claro, de futuro. Um projeto alimentado pela convicção de que as linguagens artísticas são um dispositivo privilegiado para estabelecer relações, diálogos e afinidades sem impedimentos culturais, linguísticos ou políticos.

Uma exposição que se desenvolve pelo mundo inteiro, onde se reúnem artistas que falam diferentes línguas, que desenvolvem diferentes poéticas e possuem práticas artísticas, culturais, sociais e políticas muito distintas. Entre eles e nós, que recebemos e experimentamos as suas obras, desenvolve-se uma vasta conversa, uma conversa sonhada por sua Eminência o Cardeal Tolentino de Mendonça e materializada numa vasta exposição a que ele chama “uma escola de empatia.”

Porquê a arte para construir esta “escola de empatia”?

Porque desde que inventámos a arte, descobrimos ser capazes não só de representar o real, mas através dessas representações comunicar e expressar o mundo, o humano e o seu espírito. Um modo de comunicação inédito, que segundo Bataille, se iniciou na gruta de Lascaux e que ainda hoje se prolonga: inacabado, activo, potente.

Um modo de dizer, amar e procurar o humano e o mundo que teve (e tem) como condição o reconhecimento do outro e da possibilidade de o poder dizer na sua singularidade irreduzível. Uma possibilidade em dizer o outro assente na capacidade de sermos capazes de estabelecer uma ligação sentimental, racional e colectiva, entre o um e o outro (qualquer outro e todos os outros).

Se reconhecer o outro e a sua humanidade deve estar na base de qualquer projecto ético, social e também tecnológico (como o Papa Leão XIV identifica na sua encíclica fundamental «Magnífica Humanitas»), esse reconhecimento é também a condição da arte. Como diz Walter Benjamin: a arte pressupõe sempre o todo da humanidade como seu receptor, ou seja, não pode haver arte sem relação, sem alteridade, sem que um fale e outro escute, um mostre e outro veja. Isto é, não há arte sem empatia (como Worringer tão bem descreveu.)

Claro que quando dizemos arte está implícito não nos estarmos a referir a um conjunto de objectos mais ou menos bem feitos, dos quais gostamos mais ou menos, mas a coisas que misteriosamente condensam sentimentos e provocam em nós experiências sentimentais e espirituais. A arte, com todo o mistério que a envolve, é uma experiência sentimental através da qual dizemos coisas uns aos outros que atravessam diferentes tempos, culturas e geografias. Um dizer essencial em tempos de dissensos intensos e radicais, de conversas impossíveis e de modos de vida aparentemente incompatíveis.

Partindo de um conjunto de meditações filosóficas sobre arte, literatura e música, a filósofa Martha Nussbaum mostra como as emoções provocam abalos do pensamento (*upheavals of thought*). Abalos esses que não só expandem a capacidade humana em se sentir, mas em sentir o outro.

O exercício imaginativo que fazemos para poder ler um poema, ver uma pintura, um filme ou ouvir um tema musical, implica não só activação da nossa fantasia, mas o estabelecimento de relações entre diferentes personagens, elementos, perspectivas, modos de ver e ser. E nestas experiências diferentes o leitor, o espectador, o ouvinte de música, aprende a apreciar as vidas emocionais dos outros.

Portanto, através da arte podemos viver mais do que uma vida. Não só por causa dos movimentos da imaginação sensível que nos levam a tempos distantes, lugares desconhecidos e realidades que nunca antecipamos, mas, segundo Nussbaum, porque através da arte podemos habitar o íntimo de outros seres, sentindo-lhes os passos, os medos, os desejos, como se fossem os nossos. Ou, como diz o poeta Rilke, o movimento através do qual a poesia nos guia permite-nos, por um momento, saltar para o centro de um ser e ver o mundo como se fôssemos ele. Não é ver através dos seres como meras janelas para o exterior, diz o poeta, mas ver a partir de dentro.

Para o poeta e para a filósofa, quando conseguimos viver essa espécie de vidas emprestadas que a arte disponibiliza, é mais difícil ver o outro como estranho, repulsivo ou hostil, mesmo quando forças e organizações políticas ou certos media pintam certos grupos e comunidades como ameaçadores. A possibilidade de viver outra vida através da nossa imaginação não só amplia a sentimentalidade humana, mas, como nos lembra Martha Nussbaum em *Not for Profit: Why Democracy Needs the Humanities* (2010), a arte ensina-nos a pensar criticamente, a analisar argumentos e a imaginar a vida através do ponto de vista de alguém que não somos nós.



Pontifícia
Universidade
Católica do
Rio de Janeiro

Esta Trienal enquanto *Escola de Empatia* assume-se como laboratório moral no qual se propõe um conjunto de exercícios em que cada obra, cada exposição, cada artista, nos conduz a práticas colectivas de empatia que são estéticas, éticas, humanas, políticas e sociais. E nos ensinam, como borda o artista brasileiro Leonilson num dos seus tecidos / pinturas, “os pensamentos do coração”.

A ambição enorme da nossa *Escola de Empatia* é proporcional à dimensão dos abalos que as sociedades e culturas humanas têm sofrido a ponto de muitas vezes tornarem o impensável real. Um projecto que encontra nas obras de arte dispositivos empáticos que é necessário activar e aos quais precisamos prestar mais atenção porque neles reside a possibilidade de desinstalar a crescente desumanização que vemos vir na nossa direcção. Uma desumanização provocada pelo crescente domínio dos mecanismos digitais e por uma espécie de surdez que nos torna incapazes de qualquer diálogo: falamos todos como se tivéssemos a boca desdentada, para usar a metáfora brutal de Wittgenstein. A arte, como escola onde se exercita esse saber maior sobre o outro, deixa a nossa fala ser escutada e permite-nos, respondendo ao apelo do Papa Leão XIV, permanecer humanos.

Nuno Crespo

Curador-Chefe

Art Cut 26

Trienal de Arte das Universidade Católicas



Pontifícia
Universidade
Católica do
Rio de Janeiro